



## Artesão e Artesanato no contexto Amazônico

<sup>1</sup>Rubia Maria Farias Cavalcante

<sup>2</sup>Alexandre Santos de Oliveira

### RESUMO

O presente artigo é parte de uma pesquisa desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia que procurou investigar o artesanato na cidade de Parintins-AM. Neste trabalho nos propusemos apresentar os conceitos de artesão e artesanato, sinalizando os pontos de complementaridade que contribuem para pensar esta relação no contexto amazônico, a partir do princípio da complexidade de Edgar Morin (2005; 2008; 2012). Por isso, trabalhamos a ideia de artesão e artesanato como instâncias indissociáveis, não separando o produto do seu produtor e dos contextos nos quais eles estão inseridos, mas interconectados. O método de pesquisa utilizado consistiu em pesquisa bibliográfica, seguida de análise qualitativa dos conceitos identificados. Como resultados se tem que os conceitos de artesão e artesanato são apresentados com multiplicidade e sob diferentes formas de ver compondo uma teia de significados que perpassa pela teoria e pela prática, compondo uma cadeia de sistema complexos.

**PALAVRAS-CHAVE:** artesão; artesanato; complexidade.

### Conceituando Artesão e o Artesanato

Para termos um entendimento acerca do artesão e artesanato no contexto do pensamento complexo de Morin (2005), é preciso rompermos com a simplicidade na forma de pensar tais instâncias, mesmo que esses conhecimentos simples nos ajudem a conhecer as propriedades do conjunto. É importante refletirmos os dois termos numa visão complexa enquanto prática social interativa, interconectada e que sofre constante transformação quando entra em conexão com outros sistemas. Nesse contexto, o artesão e o artesanato devem ser estudados a partir do seu todo e não somente pelas suas partes, por meio de uma abordagem que considere as instâncias como um sistema que se auto

---

<sup>1</sup> Mestre em Sociedade e Cultura da Amazônia – UFAM - farias.rubia@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Design. Docente no IFRO – alexandre.oliveira@ifro.edu.br



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



organiza e se relaciona com outros sistemas por meio de um metassistema. Essa relação entre os dois termos faz entendermos o que é complexidade, porque são termos indissociáveis, e não podem ser pensados separados porque este ato consistiria em reforçar a fragmentação tão comum no âmbito das ciências de viés racionalistas, calcada no paradigma da fragmentação. Essa fragmentação se contrapõe à teoria da complexidade que convida-nos a unir o que está separado.

Canclini (1983), sugere que o artesanato deve ser estudado dentro de um contexto mais amplo, dentro da sociedade abrangente em que é produzido, em suas relações com o sistema econômico vigente e em suas diferentes etapas: a produção, a circulação e o consumo.

Como o artesanato e o artesanato estão inseridos na temática da pesquisa, é essencial uma elucidação do nosso entendimento sobre esses conceitos. Conforme estudo de Roriz (2010), os folcloristas foram os primeiros a empenharem-se na conceituação teórica do artesanato no Brasil. Cascudo (2001, p. 24), definiu o artesanato como “todo objeto utilitário com características folclóricas, não importando o material utilizado”. Mas foi o Conselho Mundial que propôs uma definição de artesanato, a qual interferiu nas definições empregadas hoje no Brasil.

Por outro lado e de acordo com a base conceitual do artesanato brasileiro artesão é um:

O trabalhador que de forma individual exerce um ofício manual, transformando a matéria-prima bruta ou manufaturada em produto acabado. Tem o domínio técnico sobre materiais, ferramentas e processos de produção artesanal na sua especialidade, criando ou produzindo trabalhos que tenham dimensão cultural, utilizando técnica predominantemente manual, podendo contar com o auxílio de equipamentos, desde que não sejam automáticos ou duplicadores de peças. Portaria SCS/MDIC n°29, de 5 de outubro de 2010).

Sobre o artesão a perspectiva do trabalho manual, do fazer com as mãos se constitui aquilo que diferencia esta atividade. Observe-se que, aspectos criativos e técnicos são acionados por este personagem para fazer vir à tona um produto que tem como principal característica uma feitura única, de caráter próprio e peculiar.



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



Morin (2005), nos sugere a pensar sempre a partir do *complexus* - “tecido junto”. No caso do artesanato é importante levar em consideração a multidimensionalidade do ser humano, evitando a redução e a simplificação. Dessa forma como relata o autor, compreenderemos a diversidade do real e assim não teremos um pensamento em compartimentos, fragmentado, pelo contrário, teremos uma visão ampliada e complexa dos sistemas.

Entretanto, para Vives (1983), o artesão tradicional na sociedade contemporânea é a pessoa que adquiriu as técnicas artesanais de seus ancestrais ou com pessoas da comunidade, e as adiciona por meio de sua criatividade e sua visão de mundo. De acordo com a autora é por este motivo que os conhecimentos adquiridos pelos antepassados não podem ser tradicionais na contemporaneidade devido a massificação das informações e a abrangência com que o conhecimento se reproduz (VIVES, 1983, p.133). Por outro lado, para Pereira (2006), o artesão faz parte de um grupo com formação sociocultural complexa, em que sua edificação ocorreu no processo de encontro de culturas no início da colonização e está sendo ressignificado nos dias atuais. Para Reis são,

Trabalhadores do interior da Amazônia permanecem ignorados e pouco valorizados no âmbito da geração de lucros não atraindo grandes interesses, muitos se encontram completamente isolados do que se chama de civilização, longe do tão falado progresso que não chegou até eles. (REIS 2007, p.27).

De acordo com a autora, o fator geográfico como a distância e o isolamento na Amazônia afetam qualquer atividade, bem como os trabalhadores que dependem dos rios para sua circulação, devido a logística os produtos se tornam elevados para a comercialização. No passado, o meio era visto como um elemento de atraso na Amazônia, sabemos que essa realidade estava ligada a fatores históricos e pela ocupação predatória (RIBEIRO,2015). Para Moreira (1960, p. 63), o rio assume o papel de protagonista desta grande paisagem, onde “assume tanta importância fisiográfica e humana (...), onde tudo parece viver e definir-se em função das águas: a terra, o homem, a história (...). o rio condiciona a vida”. Assim, entenderemos o trabalhador-artesão que se encontra envolvido nessa conjuntura e seu modo de vida nesse ambiente de complexidade, que por muitos é



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



considerado a partir de uma feição negativa, pelo que ele representa como distância, por conta do fator de isolamento, de dispersão, de dissociabilidade. Mas para outros como FRAXE *et al*, (2009) os povos da Amazônia não vivem isolados nem no tempo e nem no espaço, porque sempre estabeleceram e continuam a estabelecer relações de trocas materiais e simbólicas entre si, com as comunidades vizinhas e com os agentes mediadores da cultura, entre o mundo rural e o urbano e a vida em escala global.

Para compreendermos melhor esse ambiente de contradição, Freitas Pinto (2002), nos convida a termos um pensamento social sobre a Amazônia de forma igualitária com relação a cultura e a natureza e não fragmentar, não dividir, mas ver na sua complexidade, como um todo com expressa Morin (2008), pensada enquanto unidade, englobando práticas culturais, modos tradicionais, bem como modos ocidentais. Nesse vasto território surgiram diferentes tipos sociais, trabalhadores como os artesãos que, diante das condições mais adversas, inventaram e reinventaram formas de sobrevivência na região.

Portanto, as distâncias e rios são a realidade do homem amazônico, são desafios ambientais que o trabalhador, inclusive o artesão, enfrenta em busca de meios para sua sobrevivência. Nesse território grandioso diferente de outros lugares com características complexas e heterogêneas, “renasce a esperança de melhores condições de habitação, escolaridade, saúde, renda etc.” (FRAXE *et al*, 2009, p. 31). Na interação com o meio, que esses trabalhadores-artesãos amazônicos desenvolvem técnicas, buscam alternativas, aprimoram conhecimentos, enfrentam desafios e fazem dessa atividade seu modo de vida e constituidora de identidade. Isso porque existe uma relação forte entre o artesão com a natureza, que considera-a como parte indissociável de sua vida, pois depende desse meio natural para sua sobrevivência.

Contudo, muitos artesãos têm como desafio viver em lugares distantes na Amazônia, em meio à diversidade geográfica. Essa realidade que de certa forma consegue conter um pouco a aceleração dos valores capitalistas, mesmo com as investidas do capital nesses lugares, mostrando que a resistência do artesão amazônico está presente também fora do âmbito dos grandes centros urbanos. O trabalhador-artesão aproveita esse contexto geográfico para tornar favorável ao seu trabalho, que por meio de sua



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



sensibilidade consegue imprimir de forma criativa a riqueza da hidrografia, da terra, da fauna, da flora, das crenças, através do artesanato amazônico que apresenta uma estética particular. Agora, com a globalização, as distâncias não são mais vistas como fator de isolamento ou impedimento para os fluxos de mercadorias, informações, capital e pessoas, pois a globalização promove diversidade e possibilidades que as culturas locais não experimentariam sem o acesso, por exemplo, à tecnologia, especialmente na área dos meios de comunicações.

Os artesãos no contexto amazônico, são trabalhadores que, como expressa Richard Sennett (2009) desenvolvem “virtudes manuais”, que se encontram distribuídas no vasto espaço amazônico, ganhando a vida e sobrevivendo por meio da exploração das matérias-primas. Essas matérias-primas utilizadas pelos artesãos são oriundas e extraídas da natureza, por este motivo a atividade artesanal está ligada ao extrativismo. De acordo com o estudo de Silva (2011), o extrativismo é “uma atividade de exploração e uso dos produtos da floresta, que vêm demonstrando ser uma alternativa econômica para as populações tradicionais que o praticam” (SILVA 2011, p. 27). Devido ao período sazonal na Amazônia com o verão e o inverno, esse trabalhador enfrenta dificuldade na atividade artesanal. Diante dessa realidade são pluriativos pois buscam em outras práticas produtivas o sustento familiar então, isso o faz ter um estilo de vida diferente, trata-se de um conjunto de trabalhadores invisíveis para o sistema e com pouco reconhecimento social.

Por outro lado, Pinheiro (2013, p. 31), enfatiza que “o pensamento complexo entende que o homem é um só e o que mudam são as circunstâncias geográficas, políticas, econômicas e socioculturais”. É nesse espaço de complexidade que contempla profundos conhecimentos, o local de inserção do artesão amazônico que na labuta do dia-a-dia aprende a viver e conviver com a adversidade. Por isso é importante desconstruir a imagem de um pensamento isolado e tentar observar uma forma da realidade complexa a partir do trabalho do artesão amazônico, tomando também a realidade na qual o artesão está inserido, porque tal realidade é, em si complexa, o que ocorre é que existem formas de ver esta realidade de modo a simplificá-la.



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



Outro ponto importante a ressaltar são os diferentes formatos que o artesanato assumiu no decorrer do tempo, difundindo como um termo difícil de ser definido, por apresentar caráter complexo, dinâmico, sendo um desafio enfrentado para conceituá-lo. Tanto pelas organizações sociais que desenvolvem políticas para este segmento, como para o campo teórico e nas atividades profissionais que lidam com a prática do fazer artesanal. Por isso para conceituá-lo com um mínimo de racionalidade,

[...] é preciso mergulhar na odisseia humana e fazer uma nova leitura da história, que determinou culturas; dos medos, que impulsionaram mudanças; das estratégias de sobrevivência; dos desafios de aprendizagem; das formas de dominação e divisão do trabalho; e, finalmente, dos artifícios para o desenho e a construção do próprio tempo (MARINHO,2007, p. 03).

O autor supracitado nos leva a refletir sobre as raízes desse fazer humano, que Pereira (1979), em seus estudos nos aponta a dificuldade em conceituá-lo devido ao termo ser vago e impreciso enquanto sistema de produção. Isso porque o artesanato ao longo dos tempos se desenvolveu de diferentes maneiras em diferentes lugares e sociedades sendo concomitante com a ideia de sociedade, apresentando a história e a cultura. Vale ressaltar que nem sempre os artesãos tiveram a ideia de representar a história e a cultura. Os artesãos fizeram porque é importante para o homem moldar, dar forma, modelar, mover, da vida à matéria e interferir sobre ela com suas mãos. Como forma de organizar seu universo pessoal e o próprio mundo circundante.

Na contemporaneidade, o artesanato é alterado não só no processo de produção, mas também em seu conceito. A partir de novas incorporações, o artesanato torna-se elemento de natureza dinâmica, ao mesmo tempo simplificado por ser atividade não industrial, até à complexidade que lhe é atribuída, o que parece contraditório, devido vir repleto de valores que alteram o processo de produção. Esse contexto, faz o conceito de artesanato estar sempre em construção devido as exigências, tanto do mercado consumidor envolvente, como da própria atividade que vai se configurando de acordo com as diferentes dinâmicas espaço-temporais impostas.



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



Essa cultura material que por meio dos objetos assume significados específicos, refletem valores e referências culturais do país, da região ou da localidade, “por se tratarem de objetos, técnicas de produção e desenhos que estão enraizados na própria história destes povos” (CANCLINI, 2008, p.93). Assim compreendemos que esses objetos fruto do artesanato, podem ser considerados elementos de fortalecimento da identidade nacional por adquirem significados particulares.

Vale ressaltar que o artesanato é um ofício que apresenta várias formas de expressão, técnicas de caráter geracional em que o artesão pode aprender, pode inventar, pode atualizar, criar, da forma, dar vida, mesclando-se na contemporaneidade com novas técnicas, novos materiais e novos processos. Assim, para pensar no artesanato deve-se evidenciar seu reconhecimento como ofício de transmissão do saber/fazer, de transmissão oral e de técnicas pessoais como conhecimento passado de geração em geração; como expressão cultural que apresenta forte ligação com o meio natural com as dimensões simbólicas envolvidas, com a identidade e o valor cultural que é característico da produção, do produtor e do entorno sociocultural. Para Alvim (1983, p.50): “o artesanato é visto como uma forma de produção em que trabalhadores desenvolvem uma forma de relação com o objeto de seu trabalho individualizado”. Colabora com essa perspectiva os estudos de Santos (2007), ao reforçar que o ofício de cada artesão dá sentido ao seu trabalho, representa seu lugar no mundo e contribui para a construção de sua identidade.

Segundo as concepções de organizações governamental, como o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior-MDIC, (2010),

Artesanato compreende toda a produção resultante da transformação de matérias-primas, com predominância manual, por indivíduo que detenha o domínio integral de uma ou mais técnicas, aliando criatividade, habilidade e valor cultural (possui valor simbólico e identidade cultural), podendo no processo de sua atividade ocorrer o auxílio limitado de máquinas, ferramentas, artefatos e utensílios. (Portaria SCS/MDIC nº29, de 5 de Outubro de 2010).

Neste sentido, percebe-se que a mão de obra é o fator predominante, podendo no processo da produção ocorrer o uso restrito de máquinas, tendo como resultado um produto individualizado em que fica registrado o selo pessoal de seu produtor por meio da técnica, da criatividade e da cultura. Esse conceito foi difundido nacionalmente, porque



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



o Brasil não tinha um único parâmetro conceitual acerca de artesanato e artesanato, cada estado intervinha na atividade artesanal e imprimia uma diretriz. Dessa forma, ficava impossível às instituições de fomento, de programas e projetos operacionalizarem suas ações e estudos. Isto remete à dificuldade apontada por Morin (2005) quando na fala do conceito único e da necessidade de considerar as especificidades, as diferenças e as contradições como fatores que compõem a complexidade dos fenômenos. Para tanto, se faz necessário revisar as definições simplistas propostas pelos órgãos oficiais do artesanato. Nessa perspectiva, urge transcender a visão de artesanato a partir do todo e não somente através de suas partes.

Para ilustrar mais o que é artesanato a UNESCO - Organização das Nações Unidas para educação e cultura define que:

Os produtos artesanais são aqueles confeccionados por artesãos, seja totalmente a mãos, ou [com o] uso de ferramentas manuais ou até mesmo por meios mecânicos, desde que a contribuição direta manual do artesão permaneça como o componente mais substancial do produto acabado. Essas peças são produzidas sem restrição em termos de quantidade e com uso de matérias primas de recursos sustentáveis. (UNESCO,1997).

Percebemos que o fazer com as mãos têm uma importância relevante no processo de produção artesanal, a conceituação da UNESCO apresenta o artesão sendo o criador do artesanato, e essa prática manual permite o uso de máquinas, desde que o manual prevaleça no processo da produção. Lima (2005), afirma que o artesanato não é produto de máquina, mas sim de trabalho manual em que a matéria-prima é submissa à vontade do criador. Enquanto que Vives (1983, p.137) entende que, independente de origem, de raça ou nacionalidade os artesãos apresentam algo em comum que é o trabalho manual. Bonifácio (2002) citado por Auzier (2017, p. 62), discutindo a questão do artesanato indígena, afirma:

O artesanato é uma palavra inventada é uma herança cultural, pois na concepção do indígena, é arte, faz parte de sua vivência, de vida e de sua cultura. Esses materiais eram trabalhados com os velhos. Através desse trabalho podemos identificar os povos. Aqueles artesanatos que são feitos a partir dos produtos dos brancos é que são os artesanatos.





III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



Para o indígena o artesanato é arte, cultura e os objetos produzidos pelos não indígenas na concepção deles são artesanatos. Pinheiro (2013, p. 29) reforça afirmando que “as trocas culturais ocorridas entre valores exógenos e indígenas contribuíram para a construção da cultura dos povos tradicionais amazônicos”. Entretanto, a cultura é um elemento relevante para compreendermos essa edificação cultural, que no entendimento de Geertz (1989), é uma construção contínua do ser humano social que é interpretada em diferentes atividades. Laraia (1999) nos conduz a pensar sobre a importância de entendermos a cultura como dinâmica e está em constante mudança.

Por outro lado, a dificuldade em conceituar artesão e artesanato aumenta quando consideramos o contexto de globalização onde o artesanato é considerado uma atividade em que a técnica é dirigida pelo mercado, e não por quem a produz; o sistema dita a forma como o objeto deve ser produzido para a comercialização, ou seja, o produto é mais valorizado que o seu produtor. Na visão complexa vem unir, juntar e mostrar que o artesão tem criatividade e seu produto tem valor cultural, constituindo um todo complexo que não pode ser entendido de forma separada.

Por outro lado, no paradigma da complexidade o sujeito e objeto não podem ser vistos separadamente. O todo está nas partes e as partes no todo. Isto envolve pensar o artesão sob o ponto de vista da pessoa pluriativa, daquela que tem um estilo de vida diferente, daquela que detém o domínio das técnicas artesanais e do trabalho manual. Por outro lado, o artesanato pode ser visto como produto ancestral, como produto de valor cultural, produto de valor simbólico.

Assim, podemos perceber que a ideia de artesão e artesanato, vistos de forma complementar e indissociável, passa por diversas perspectivas conceituais, ou melhor, diferentes relações conforme o demonstrativo do quadro abaixo.

Quadro 01- As relações de categorias do artesanato

Artesanato enquanto herança
Artesanato caráter complexo, dinâmico
Artesanato como processo histórico-cultural
Artesanato como conceito em construção
Artesanato termo ser vago e impreciso enquanto sistema de produção



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



Artesanato como “formação sócio cultural complexa”
Artesanato como trabalho informal
Artesanato como trabalho coletivo e individual
Artesanato como “elemento de fortalecimento da identidade nacional”
Artesanato como cultura material
Artesanato como arte

No quadro acima vislumbramos a multiplicidade de conceitos, de relações do artesanato, isso é indicativo de complexidade, de diferentes formas de ver o artesanato e reforçam a necessidade de pensar esses termos interconectados pois, não podemos pensar no artesão e no artesanato de forma indissociada.

Em síntese o artigo identificou as concepções presentes nos conceitos de artesão e artesanato contemporaneidade as oportunidades para pensar estes paradigmas sob a perspectiva amazônica. Amparado na ideia e na tentativa de exercer uma compreensão baseada na complexidade, foi possível observar que no conceito de artesão e artesanato a questão central é mostrar a dinamicidade, a complexidade e os diferentes tipos de discursos que, de igual modo, indicam diferentes formas de ver o artesão e o artesanato, a teia de significados que perpassa pela teoria e pela prática, mostrando que artesão e artesanato compõem uma cadeia de sistema complexos. Os formatos que esses dois elementos indissociáveis vêm construindo, assumindo significados que refletem valores e referências culturais de acordo com o contexto.

## REFERÊNCIAS

ALVIM, M. R. B. **Artesanato, tradição e mudança social**: um estudo a partir da arte do ouro de Juazeiro do Norte. In: RIBEIRO, Berta. O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: FUNARTE, Instituto Nacional do Folclore, 1983.

BRASIL. MDIC. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio. **Programa do Artesanato Brasileiro**. MDIC, 2008. Disponível em: [http://www.desenvolvimento.gov.br/portalmDIC/arquivos/dwnl\\_1255094473.pdf](http://www.desenvolvimento.gov.br/portalmDIC/arquivos/dwnl_1255094473.pdf)



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



CANCLINI, N. G. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

----- **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 2008.

CASCUDO, L. da C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 11ª edição São Paulo, Editora Global, 2001.

FRAXE, T. de J. P; WITKOSKI A. C; MIGUEZ, S. F. **O ser da Amazônia: identidade e invisibilidade**. In Cienc. Cult. vol.61, no.3. São Paulo, 2009.

FREITAS PINTO, R. **O Pensamento Social de Djalma Batista**. Revista da Academia Amazonense de Letras. Manaus, n° 24, p. 144-152, nov. 2002.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

LARAIA, R. de B. **Cultura: um Conceito Antropológico**. Rio de Janeiro, ZAHAR, 1999.

MARINHO, H. **Artesanato: tendências do segmento e oportunidades de negócios**. Rio de Janeiro: SEBRAE/RJ, 2007.

MOREIRA, E. **Amazônia: o conceito e a paisagem**. Rio de Janeiro: SPVEA (Serviço de Documentação). Coleção Araújo Lima, 3. 1960. 91 p.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. \_\_\_\_\_ **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

\_\_\_\_\_ **O Método I: A natureza da natureza**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

PINHEIRO, H. A. **Fronteiras da vida: o tradicional e o moderno na Amazônia**. Manaus, EDUA, 2013.

REIS, L. M. de O. **Os piaçabeiros de Barcelos**. Dissertação de (Mestrado) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2007.

RIBEIRO, O. de S. **Tradição e modernidade no pensamento de Leandro Tocantins**. Manaus: Editora Valer/FAPEAM, 2015.

RORIZ, P. C. de O. **O trabalho do artesão e suas interfaces culturais-econômicas**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações) – Universidade de Brasília, 2010. 199p



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



---

SENNETT, Richard. **O Artífice**. Tradução de Clóvis Marques. Editora Record. Rio de Janeiro e São Paulo. 2009 Título original: The craftsman.

SILVA, Lilia Valessa Mendonça da. **A produção de artesanatos pela Avive como uma proposta de design sustentável**. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011.

VIVES, Vera de. **A beleza do cotidiano**. In: RIBEIRO, Berta et al. O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: FUNARTE-INF, 1983.